

EU SOU O BRASIL EM MIM. COMO É QUE EU POSSO DIZER ENTÃO QUE EU “SAÍ DALI”?

Flávio Carvalho **

Nunca traces tu frontera, ni cuides de tu perfil; todo eso es cosa de fuera (Antonio Machado).

Um dos piores momentos que eu passei como migrante (diferente de considerar-me Imigrante) foi quando uma pessoa preconceituosa me tratou como “vocês”. Era como se assumisse todas as culpas de uma coisa que eu não sabia nem o que era. Eu deixava de ser eu, indivíduo, pessoa, Flávio, para me tornar uma coletividade, forçada pela vontade preconceituosa de alguém. Aquela pessoa não **me** considerava; para ela, eu era: eles, os outros... “vocês”!

Quando resolvi incentivar a criação do Coletivo Brasil Catalunya (esse sim, um coletivo surgido da **nossa** intencionalidade **política**), foi respondendo uma outra, melhor, provocação de uns *compañeros, migrantes de latino-América, politicamente* bem organizados, em uma federação de entidades latinas. Diziam-me:

O problema é que vocês, os brasileiros e os cubanos são muito parecidos: significam importantes referências políticas da América Latina e, por isso, estão no imaginário coletivo de alguns europeus. Fidel, Lula, o PT, o MST, o Orçamento Participativo, o Fórum Social Mundial, todas essas coisas! Mas, no final não querem saber nada de politicamente se organizar para, pelo menos, defender os seus próprios direitos. Aqui em Barcelona, por exemplo, os brasileiros só se juntam é pra fazer festa! [E um outro completou] Afinal o que são os cubanos, senão uns brasileiros que falam castelhano – e vice versa?!

Para mim, sempre que me perguntam quem são os brasileiros em Barcelona, na Catalunha, na Espanha, na Europa ou no exterior, tenho tanta dificuldade em caracterizar esse **nosso universo**, que me nego a fazer qualquer tipo de generalização. Assim como eu não estou aqui por causa de nenhuma festa (muito pelo contrário, se fosse pelas festas eu prefiro “mil vezes” as que se fazem no Brasil – e apesar de que não acho nada mal gostar tanto de festa como EU gosto). Aqui em Barcelona eu já trabalhei muito mais do que no Brasil, de carregador de cadeiras, de informação de festival, de digitador de questionários, de colhedor de uva, de pregador de cartazes em universidades, de varredor de rua, e até mesmo de sociólogo! Mas é verdade que nunca vi tanta dificuldade para organizar pessoas na defesa dos seus direitos, como estou aqui, **trabalhando** com a “brasileirada”. E, olha que nem com o atrativo aperitivo da caipirinha feita com boas cachaças – no final das reuniões, é bom que se diga – os brasileiros não aparecem muito; quem adora (e participa mais) são os catalães. E assim mesmo, também não gostei quando, um dia desses, vieram me caracterizar de imigrante econômico (aquele que vem em busca de trabalho, por mais precário que seja, mas pago em Euros). Se existe uma categoria que aceito que me considerem é “imigrante amoroso”. É por isso que aqui estou. E me reservo o direito de dizer o que eu quero, a quem eu quero, da forma que eu quiser. Uma decisão pessoal que merece todo respeito.

Cada dia, eu conheço um “brazuca” diferente nessa imensa “fauna”: músico (muito “quase músico” também!), transexuais (muitos), filha de diplomata, mais um filhinho de papai, pedreiro, capoeirista, futebolista, prostituta, pastor evangélico, ex-vereador, “dono” de ONG, filho de

* Texto enviado pelo autor ao Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM em 11 de junho de 2008 com autorização para publicação no site: http://www.csem.org.br/artigos_port_artigos08.html.

** Sociólogo. Coordenador do Coletivo Brasil Catalunya e Coordenador Provisório da Rede de Brasileiras e Brasileiros no Exterior. Barcelona, inverno de 2007.

amazonense casada com africano (nascida na Suíça), sem falar naqueles bons “filhos-da-puta” de sempre, que a gente encontra pelo caminho. Contudo, muita gente boa, no final das contas...

Ou seja, não dá nem pra tentar resumir em **nós** somos isso ou aquilo. **Nós** o quê? **Nós** quem? Diversidade é a melhor resposta e uma boa saída.¹

Evidentemente, se o Brasil não é outra coisa senão um continente que fala a mesma língua e tem o mesmo Presidente, o reflexo da sua migração não poderia ser outra coisa que não fosse a **nossa** diversidade sociocultural e injustamente econômica. Aliás, não é isso que dizem que nos torna **especiais** perante o “resto do mundo”?

Caetano Veloso declarou recentemente no jornal *El País* que o Brasil tem a responsabilidade de exercer a sua originalidade perante o mundo. Um país forçado pela colonização européia a ser multiétnico. Poderia até hoje ser muito mais multiétnico, se os próprios colonizadores não tivessem extinguido tantas etnias indígenas, “nativíssimas” do Brasil. Pois dessa mistura forçada, em princípio por meio dos estupros da Casa Grande sobre a Senzala (leiam *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro), acredita-se que há surgido uma nova originalidade étnica. Darcy Ribeiro, autor de *O Povo Brasileiro*, interpretava que de tanta mestiçagem, se acreditava no surgimento de uma nova etnia, esse tal **povo brasileiro**. A grande questão é: se somos assim tão misturados, o que nos identifica como **povo brasileiro**? O que nos torna um “povinho, povão, povo bunda, etc”? Creio que o importante é que **eu** me identifique; e não que me identifiquem. Não me venham, do “exterior”, com **seus** estereótipos, forçar uma identificação sobre mim. Eu sou o Brasil em mim. Está lá no título deste texto. O resto é tudo *cosa de fuera*, como dizia o poeta escolhido para este texto.

Até mesmo porque na hora de excluir (na hora que o bicho pega), se exclui o que não for mais parecido com um “branco puro”, dependendo da tonalidade dos **brancos** que te rodeiam. Como uma propaganda de comparação de sabão de lavar roupa: sempre tem um que lava mais branco! E, afinal, encontra-se uma fácil solução: excluir o não branco; o que não for branco, desde a **minha** percepção individual, que se generaliza, até tornar-se um processo de exclusão coletiva.

Pois, foi exatamente na Europa que eu, que achava que era “branquelo”, descobri que posso ser **considerado** negro; como se eu, de repente, dependesse do preconceito de quem me percebe, ou me ignora (também por preconceito).

“El ojo que ves no es ojo porque tu lo veas; es ojo porque te ve” – diria esse poeta sevilhano Antonio Machado.

Outro exemplo, que eu percebi também aqui em Barcelona e utilizo somente para ilustrar o enredo deste texto. Na hora de se promover para vender música brasileira no exterior (um dos nossos maiores produtos de exportação), se utiliza o argumento de que “a minha identidade musical é única no mundo: eu sou o fruto do fruto da mistura – e, portanto, por favor, não tentem me classificar, eu sou assim mesmo, eu faço música brasileira”. E com isso, a indústria cultural tem conseguido vender muitos discos, numa nova categoria que se cria dentro do estigma da *world music*: **música brasileira**. Uma nova prateleira na grande estante, um lugar onde termina cabendo tudo. Uma prateleira tão indefinidamente ampla, onde cabe tudo. E o que pode ser tudo, também está muito perto de não ser absolutamente nada. Basta ser simpático e agradável para acabar se tornando música de elevador, aquela que todo mundo ouve, sem parar para escutar.

¹ Pelo menos enquanto o meu amigo conterrâneo pesquisador do Grupo de Estudos sobre Migração da Universidade Autônoma de Barcelona, Leonardo Cavalcante, não consegue concretizar com a Fundação Cultural Hispano Brasileira, uma ampla pesquisa sobre o perfil dos brasileiros, no mínimo, na Espanha. Uma proposta assumida como desafio por toda a rede de brasileiras e brasileiros no exterior, da qual faço parte e faço questão de fazer propaganda.

Por fim, chegou a minha vez de generalizar. Os **européus**, quando dizem que os brasileiros são os imigrantes mais simpáticos que existem, bem diferentes dos problemas que se encontram na Europa (a outra violência), muitas vezes se esquecem que é um país **inventado** por **eles** mesmos e estão falando com base em estereótipos. A origem de grande parte dos nossos problemas históricos, não foi outra coisa senão a **descoberta** de um lugar para tentar escapar dos seus próprios problemas, e criar outros. Não é fácil hoje criticar a possibilidade desse negócio de biodiesel voltar a aumentar os índices de trabalho escravo? Não é tão fácil quanto esquecer quem **inventou** esse negócio de levar escravidão das Áfricas para as Américas, justamente pra dar conta da nossa base econômica fundada em monoculturas como a da cana-de-açúcar, devastando a Mata Atlântica ou a Amazônia que esses irresponsáveis brasileiros ironicamente insistem em substituir pela soja que o mundo compra?

Estima-se que o Brasil é o maior país do mundo acolhedor (de braços abertos, como o Cristo Redentor) da migração européia. Os números são difíceis de representar, sobretudo porque nunca se exigiu, nem se verificou, nem mesmo se contaram vistos para a entrada. Os vistos foram substituídos pelas boas vindas. O Brasil, em geral, sempre acolheu a migração européia como ilustres visitantes com dinheiro para gastar (seja como for), como filhos adotivos (inclusive com subsídios públicos para instalar-se no Brasil do início do século passado), ou até mesmo como pais culturais; grandes exemplos de erudição. Pois nessa exata semana em que se comemora o dia do migrante², vários brasileiros estão sendo obrigados a voltar pra casa, no Aeroporto de Madrid, porque não trouxeram nos bolsos 530 euros em espécie (uma mera desculpa) ou porque são considerados **potenciais imigrantes ilegais** pela União Européia. Tinham gasto muito mais que isso na esperança de passar o natal com pessoas da família.

Comecei falando da minha realidade de migrante brasileiro na Europa, de percepções diferentes sobre a migração por aqui, para tentar um caminho de falar da migração por aí – o caminho se faz ao caminhar. Tentei abordar um grande tema das relações internacionais: a reciprocidade em temas migratórios e não apenas comerciais. Isso que acostumaram a dizer que é uma oportunidade, mais que um problema, seja onde seja.

Aliás, o exercício de migrar também é um direito humano fundamental. Por mais que não se respeite. Faz parte da história de quem ajuda a reconstruir a história dos países de origem, tanto quanto dos países de acolhida. É incrível como ainda é necessário reafirmar isso.

Para reflexionar um pouco sobre a contribuição da migração brasileira ao Brasil, não poderia deixar de recomendar a minha particular coleção de sobrenomes incorporados ao imaginário coletivo brasileiro, ou que, pelo menos um dia tiveram a oportunidade de ter seus nomes escritos nos grandes jornais ou revistas, por motivo de orgulho ou crítica: Portinari, Niemeyer, Lispector, Luft, Odebrecht, Gerdau, Bündchen, Kuerten, Fitipaldi, Piquet, Stédile, Alckmin, Maulf, Palocci, Grzbowski, Roussef, Dumont, Casoy, Fischer, Meneghel, Geisel, Kubitscheck, etc.

Longe de xenofobias (basta!), são sobrenomes apenas para lembrar de exemplos tão positivos quanto negativos que chegam aos ouvidos da opinião pública, ou dos que se chamam “formadores de opinião”, dentro e fora do Brasil. Pessoas de famílias que migraram ao Brasil e que contribuíram, de uma forma ou outra, para a construção desse **contraditório** país. Aquilo que na França dos suburbanos carros queimados (ou em toda a Europa) seriam logo chamados de imigrantes de segunda ou terceira geração, mas que são nomes absolutamente abasileirados, ou

² Em 1990, aos 18 de dezembro, pela Resolução 45/158, a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou a “Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de suas Famílias”, a qual entrou em vigor no dia 1º de julho de 2003, quando alcançou o total de ratificações necessárias para tanto, isto é, de 20 países. Em 1999, iniciou-se uma campanha mundial pela designação oficial por parte das Nações Unidas do Dia Internacional do Migrante. A mobilização culminou, finalmente, em 4 de dezembro de 2000, quando as Nações Unidas proclamaram 18 de dezembro o Dia Internacional do Migrante (Ir. Rosita Milesi, Diretora do IMDH).

seja, absorvidos até mesmo por aqueles que não sabem pronuncia-los bem. Na Europa, muitos migrantes como eu, optam, ao contrário, por colocar nomes **européus** em nossos filhos, nascidos em território europeu. Até mesmo para que sejam considerados, pelos seus próprios nomes, indivíduos, pessoas e cidadãos – não de segunda categoria, como os imigrantes ou filhos de imigrantes.

Em exercícios de interculturalidade, aprendi que o pior que pode passar com meu amigo Yasser, seria ser chamado como “o árabe”, ou “o palestino”, ou “o paqui” (abreviatura de paquistanês em Barcelona, que serve para designar todo pequeno comércio “dessa gente vinda de lá”). Eu mesmo interiorizei esse preconceito de chamar todo mercadinho de “paqui”. A melhor forma de se dirigir a esse amigo Yasser, seria a mais simples: pelo seu próprio nome, Yasser! Isso eu só aprendi aqui, no contexto de multiculturalidade³ de Barcelona.

Entendem agora porque eu até aceito que me diga Flávio, **um** brasileiro; e não Flávio, **o** brasileiro, ou **esse(s)** brasileiro(s)? Se não entenderam, certamente não entenderão porque aqui me convidam para falar do Brasil e eu digo que prefiro falar dos “Brasis”. Ou ainda porque uma letra pode fazer diferença na hora de dizer migrante ou Imigrante, etc.

Aproveito essa história de falar de multiculturalidade para terminar dizendo também que a ONU estabeleceu o ano de 2008 como o ano da diversidade cultural. Uma oportunidade mais para o *Brasil, país do futuro* (leiam esse livro, de Stephen Zweig). Pois, se não chega esse futuro, na verdade não importa tanto para aqueles brasileiros que aproveitam o presente para viver um pouco mais.

E, atenção para o final que não conclui este texto. Eu não quis dizer viver melhor ou pior: eu escrevi “viver mais”. Tirem suas próprias conclusões.

Como diria o comunicador Chacrinha, “eu vim aqui para confundir e não para explicar”.

*¿Tu verdad? No, la Verdad,
Y ven conmigo a buscarla,
La tuya, guárdatela.⁴*

³ Diferente do conceito de interculturalidade, onde há o entrecruzamento de culturas, na multiculturalidade as culturas podem até caminhar paralelamente, sem se cruzar em nenhum momento.

⁴ Antonio Machado nasceu em Sevilha, em 1875. Morreu no exílio na fronteira entre a França e a Espanha, na cidade de Colliure, em 1939, fugindo da ditadura franquista. Os versos citados fazem parte dos seus *Provérbios y Cantares*.